

COMPREENDENDO UMA FORMA TECNOLINGUAGEIRA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA DA CONSTRUÇÃO E PERPETUAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS RACIAIS NO GÊNERO NOTÍCIA ONLINE

UNDERSTANDING A TECHNODISCURSIVE FORM: A LINGUISTIC ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION AND PERPETUATION OF RACIAL STEREOTYPES IN THE ONLINE NEWS GENRE

Taísa Rita Ragi*

Letícia Fernanda Carvalho Silva**

Gasperim Ramalho de Souza***

RESUMO: Com o advento da tecnologia e seus diferentes usos nas práticas sociais, foram desencadeadas mudanças no uso da linguagem e, ainda, novos gêneros discursivos e textuais, como por exemplo, os *leads*, constituintes da forma tecnolinguageira notícia *online*. Pensando nos avanços tecnológicos que as sociedades têm experienciado ao longo das últimas décadas, o presente trabalho se estrutura a partir da linguística textual e análise do discurso, a fim de analisar e compreender o uso linguístico nos *leads* e, mais especificamente, nas notícias *online*. Ademais, esta pesquisa tem por escopo discutir, identificar e desconstruir os signos sociais pejorativos, construídos historicamente, sobre a população negra brasileira presentes no gênero notícia *online*. Para tal, este ensaio está estruturado da seguinte forma: contextualização e síntese dos estudos linguísticos sobre as tecnolinguageiras, contextualização histórica acerca das

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Federal de Lavras, graduada em Letras - Português e Inglês, pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: taisaragi@gmail.com.

** Doutoranda em estudos Afro-americanos pela University of Massachusetts-Amherst, graduada em Letras pela Universidade Federal de Lavras. Participante do Grupo de Estudos Amefricanos Zacimba Gaba (GEAZ). E-mail: leticia.silva@estudante.ufla.br.

*** Professor do Departamento de Estudos da Linguagem/UFLA. Participante do Grupo de Estudos Amefricanos Zacimba Gaba (GEAZ). E-mail: gasperim.souza@ufla.br.

questões raciais no Brasil e reflexão sobre o papel da linguagem e do letramento crítico na luta racial. Por fim, por meio dos resultados da análise deste estudo, apontamos para a relevância de integrar as formas tecnodiscursivas e os recursos semióticos aos estudos discursivos e de letramento racial crítico, na medida que as práticas de linguagem refletem questões sociais e históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Textual; formas tecnolinguageiras; Letramento Racial Crítico.

ABSTRACT: With the advent of technology and its uses within the social practices, there have been triggered changes in the use of language as well as new discursive and textual genres, such as the leads, constituents of the following technodiscursive form: online news. Reflecting upon the technological advances that societies have experienced over the last decades, this paper is structured upon textual linguistics and discourse analysis' studies, with the goal of analyzing and understanding the linguistic use in techno language forms and, more specifically, in online news. Furthermore, this research aims to discuss, identify and deconstruct the historically built pejorative social signs that portray the Brazilian black population, identified in the analyzed lead. In order to do so, this essay is drawn as follows: contextualization and synthesis of the linguistic studies on techno language practices, presentation of the historical perspective on racial issues in Brazil and reflection on the role of language and critical literacy in the racial struggle. Finally, through this study analysis results, we can point out the relevance of integrating the technodiscursive forms and semiotics strategies to the discursive studies and critical racial literacy, inasmuch as language practices reflect social and historical issues.

KEYWORDS: Textual Linguistics; Technodiscursive forms; Critical Racial Literacy.

INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias, e a forma com que os indivíduos passaram a interagir com e por meio delas, a sociedade vivenciou o surgimento de novos gêneros discursivos que são responsáveis pela interação social, comunicação e transmissão de notícias. Devido ao surgimento desses “novos” gêneros, percebemos que a linguística textual, área que possui a análise do texto e do discurso como foco, sujeitou-se a mudanças e avanços a fim de acompanhar a modernização da sociedade sem desconsiderar o caráter dialógico da linguagem que está presente nesse processo (BAKHTIN, 2011 [1992]), uma vez que a modernidade também mostra a relação dinâmica entre o homem, a sociedade e a linguagem.

Pensando nisso, observamos o surgimento de discursos digitais que se fundamentam e se constroem a partir de formas tecnolinguageiras, ou seja, que se originam a partir de uma perspectiva digital. Paveau (2013) define que as formas tecnolinguageiras podem ocorrer em

diferentes modalidades de linguagem que se apropriam de diferentes mídias e tecnologias através das quais novos textos são produzidos.

Nesse ínterim, a presente pesquisa tem como objetivo compreender a relação entre linguística textual e a análise do discurso, inserida em textos multimodais. Evidenciamos que, neste trabalho, optamos pela análise de tal interação no gênero notícia *online* somado à retratação de estereótipos raciais por meio da linguagem.

A fim de compreender a estruturação dos textos/enunciados da atualidade, demonstraremos como as formas tecnolinguageiras podem contribuir para a manutenção de um imagético social racista, existente no Brasil e, como consequência, a perpetuação e estruturação linguística da discriminação racial sistemática que caracteriza o presente país.

UM OLHAR NA LINGUÍSTICA TEXTUAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E SUA RELAÇÃO COM A ANÁLISE DO DISCURSO

A linguística textual surgiu na Europa, na década de 1960, a partir de investigações de linguistas como Halliday, Weirich, Ducrot, dentre outros. Tais pesquisadores deram outra visão aos estudos realizados pela ciência do texto. Assim, a linguística textual se transformou, criando três linhas, métodos, de se trabalhar o texto: a retórica, a estilística e o formalismo russo (ROCHA; SILVA, 2017).

Antes dos estudos supracitados, a linguística textual se fundamentava na análise apenas da frase, ou seja, em conformidade com Koch (2004, p.7), tal estudo “teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou seqüências de enunciados, alguns deles inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase”. No entanto, a partir dos avanços mencionados, passou-se a estudar o texto a partir de uma perspectiva interacional, ou seja, que leva em consideração como a linguagem do texto emerge da tentativa de realização de atividades conjuntas (SILVEIRA, 2008). Nesse ínterim, compreendemos que o uso da língua na sua interação social ou a partir de um contexto, ou, então, a partir do seu funcionalismo linguístico é abordado na linguística textual.

Perante o exposto, compreende-se que apenas as frases eram tidas como elementos de análise textual, contudo, devido aos avanços sofridos pela linguística textual a partir da década de 1970, tem-se que a análise não se fundamenta apenas na unidade isolada da frase, mas sim no texto, ou seja, a unidade básica de sentido passa a ser o texto e não apenas as frases que o compõem. Nesta perspectiva, Fávero e Koch (2000, p. 11) apontam que “sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim com o texto, por serem os textos a forma de manifestação da linguagem”.

No entanto, mesmo com o interesse de se investigar o todo significativo, o texto, uma das maiores preocupações dessa corrente linguística ocorre na década posterior, uma vez que “somente a partir de 1980, contudo, que ganham corpo as Teorias do Texto [...]”, conforme ressalta Koch (2004, p. 8). A partir dessa expansão exposta pela autora, podemos ver as novas tendências com relação ao estudo e ensino da materialidade textual, seja em língua materna ou estrangeira. Nesse sentido, vemos que os textos passam a serem o foco dos estudos de tal área, sobre esse entendimento pode-se afirmar que:

a Linguística Textual toma, pois como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa (KOCH, 2004, p. 11).

Nesse viés, a linguística textual passa a se importar com os fatores e critérios de textualidade contidos em manifestações linguísticas, desse modo, estudar o texto nada mais é do que estudar uma estrutura provida de sentido, objetivações e intenções definidas. Para elucidar o exposto, pode-se fazer referência ao posicionamento de Florêncio *et al.* (2009, p. 25-26), que considera que “não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa”.

Para tanto, o texto seria a materialização máxima da língua, na comunicação ele é o todo significativo, verbal e não verbal. Assim, a linguística textual trata o texto como uma unidade de comunicação unificada com relação a um complexo universo de interações da sociedade (KOCH, 2014), interações de comunicação de indivíduos no meio social ao qual eles pertencem. Com isso, a teoria do texto está transpassada em um viés interdisciplinar, uma vez que ela se direciona a inúmeros “fatores linguísticos, como o pragmático, o semântico, e lexical, ou gramatical, ou seja, fatores que complementam a estrutura e funcionalidade do objeto de estudo dessa corrente linguística” (ROCHA; SILVA, 2017, p. 27-28).

Ao falarmos de textos não verbais como a materialização da língua, referimo-nos aos textos multimodais, que fazem uso conjunto de inúmeros elementos semióticos, como imagens, cores, sons, linguagem verbal, movimento, etc., a fim de estruturar um texto que se relacione com a sociedade moderna e com as diferentes culturas para envolver o leitor. Logo, ao discorrer sobre a análise de linguística textual, é necessário ressaltar que essa área da linguística não é fundamentada apenas em textos verbais, tradicionais na sociedade, mas se fundamenta também na análise de textos semióticos e multimodais. Entende-se como textos multimodais aqueles que possuem a sua estrutura embasada em “realizações verbais

(fala e escrita) e não verbais (sons, imagens, gestos etc.), uma vez que a prática da leitura sofreu mudanças acentuadas pela diversidade de textos disponíveis em suporte digital e pelas experiências leitoras decorrentes da disseminação do acesso à internet” (FERREIRA; MELO; RAGI, 2020, p. 191). Visto que são nesses textos que podemos encontrar a disseminação de múltiplas culturas simultaneamente.

São vários os aspectos multiculturais que configuram um texto, pois o falante aciona uma complexa rede de fatores ao produzi-lo de forma escrita ou falada. As questões sociais, cognitivas e interacionais fazem com que os estudos da LT transformem o texto em um canal estruturado da seguinte forma: processo/ ação/ interação. Isso faz com que a LT represente um marco nas novas vertentes da linguística moderna (ROCHA; SILVA, 2017, p. 28).

Segundo Marcuschi (2012, p. 26), a linguística textual “é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos”. Desse modo, essa corrente “deve prestar um serviço fundamental na elaboração de exercícios e na formação da capacidade hermenêutica do leitor, ao lhe dar o instrumento que o capacita para a compreensão de textos” (MARCUSCHI, 2012, p. 33).

Como supracitado, a linguística textual é um ramo relativamente novo da linguística, visto que ele surgiu na década de 1960. Esse “novo” ramo se relaciona estreitamente com a análise do discurso, ao passo em que ambas as teorias atualmente prezam pelo estudo do texto por completo e suas interações com a cultura e sociedade. Para falar sobre a análise do discurso, embasaremos-nos em Pêcheux (2010 [1969]). Segundo o filósofo, seria necessário pensar em uma maquinaria discursiva que retiraria a subjetividade da linguagem, assim, ele lançou as bases de um procedimento de leitura de discursos ideológicos, que seriam capazes de compreender a estrutura variante existente nos discursos, principalmente os “novos” discursos.

Desse modo, em 1969 (2010), Pêcheux, já pensando na confecção de algoritmos de análise do discurso, mostrava a todos uma previsão, de forma inconsciente, do futuro, visto que ele buscava compreender o discurso produzido nas mídias, ou seja, um “novo” discurso que faz uso de diferentes elementos. Desse modo, o autor queria entender “como tratar a questão do funcionamento dos efeitos de sentido e as condições de produção dos discursos digitais de maneira científica e apoiada nos pressupostos de uma análise linguística” (CARREON, 2020, p. 4).

Em conformidade com Santaella (2008), as novas práticas sociais e institucionais, que estão ligadas às diversas culturas, surgem a partir das novas tecnologias de comunicação e informação, especialmente as que estão ligadas aos grandes meios de comunicação como tv, jornais, etc. Afinal, “longe de se excluírem mutuamente, a tendência dos meios é cumulativa e integrativa. Os novos meios vão chegando, levando os anteriores a uma refuncionalização

e provocando uma reacomodação geral na paisagem midiática” (SANTAELLA, 2008, p. 95). Sendo assim, devido à integração dos dispositivos móveis ao cotidiano social, é cada vez mais necessário pensar na transformação dos espaços sociais pelo constante uso de tecnologia, ou seja, o espaço de comunicação que ocorre atrás dos gêneros dos discursos presentes nos textos.

Com relação à análise do discurso digital, Paveau (2017) pontua, em seu dicionário “*L’Analyse du discours numérique: Dictionnaire des formes et des pratiques*” (2017) (A Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas), “novos conceitos, ferramentas e limites para compreender o funcionamento dos discursos nativos da internet a partir de uma perspectiva qualitativa e ecológica” (PAVEAU, 2017, p. 8). Desse modo, compreendemos que, segundo a autora, é necessário repensar o contexto “extralinguístico” como um ecossistema em que o discurso é elaborado. Nesse viés, é preciso que nos desapeguemos da visão dualista entre sujeito e língua a fim de (re)conhecer o papel social dos agentes não humanos, ou seja, as tecnologias, com relação às produções linguísticas. Assim temos que,

É afirmar que os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, que as determinações técnicas constroem as formas tecnolinguageiras, que as perspectivas logo- e antropocêntricas devem ser descartadas em favor de uma perspectiva ecológica integrativa que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções linguageiras (PAVEAU, 2017, p. 11).

Dessa forma, compreendemos a importância de entender a organização dos “novos” discursos que são criados a partir das novas tecnologias de informação e comunicação. Assim, é necessário pensar na singularidade existente nos discursos digitais, uma vez que eles utilizam diferentes semioses: textos, imagens, sons (PAVEAU, 2017). Nesse sentido, “É possível constatar que a atualidade apresenta como característica inerente a si o primado do visual [...]. Tal intersemiose em materialidades diversas faz com que se precise de um novo olhar sobre a ordem do discurso, impelindo analistas a trabalharem com materiais multimodais” (CARREON, 2020, p. 67).

A MULTIMODALIDADE NO GÊNERO NOTÍCIA COMO DISPOSITIVO TECNOLINGUAGEIRO

De acordo com Bakhtin (2011 [1992]), podemos conceituar gênero a partir dos seguintes critérios: as condições específicas e as finalidades que cada esfera da atividade humana possui ao interagir em sociedade, o conteúdo temático, a construção composicional e, por fim, mas não menos importante, o estilo. Nesse viés, os gêneros possuem uma forma considerada estável, a qual os falantes reconhecem e usam, ao se comunicarem. Vale ressaltar que a quantidade de diversidade de gêneros, sejam eles orais ou escritos, é inesgotável, assim não é possível enumerá-los.

Com o avanço tecnológico que a sociedade vivencia e a intensa inserção das tecnologias de comunicação e informação no cotidiano social, observa-se o surgimento de novos gêneros discursivos a fim de se adequarem ao novo modelo social de interação. Isso posto, “as novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que *precisam ser analisadas no espaço escolar*. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis” (BRASIL, 2000, p. 11-12, grifo nosso).

Pensando nesse novo ambiente proporcionado pelas tecnologias de comunicação e informação, observamos o surgimento de gêneros multimodais. Nesse viés, Pedro Demo (2009) considera que a linguagem multimodal diz respeito a textos que englobam inúmeras semioses simultaneamente: som, imagem, texto, animação, que é justamente o que faz com que o texto seja atrativo em uma sociedade repleta de informações. Tais textos contribuem para um maior estímulo dos leitores do que os textos formados apenas pela linguagem verbal. Assim, pode-se afirmar que

[...] a composição textual multimodal tem alimentado as práticas sociais, cuja riqueza de modos de representação utilizados incluem desde imagens, até cores, movimento, som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramentos, constituídos por composições com linguagem verbal, com linguagem visual e com linguagem corporal, marcas preponderantes do discurso contemporâneo (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 43).

Pensando nesses “novos” gêneros discursivos que foram/são proporcionados pela nova era tecnológica em que vivemos, notamos um gênero que se faz bastante recorrente: o gênero notícia *online*. Esse gênero conduz a informação, a notícia, a fim de informar a população. O gênero em questão teve grandes modificações em sua estrutura, na sua linguagem e na sua escrita, afinal, até meados da década de 1990 as notícias chegavam impressas a população e, nos dias hodiernos, a notícia faz-se acessível às pessoas por meio de um clique na tela, podendo percorrer o mundo em questão de milésimos de segundos. Portanto, ressaltamos a importância de estudar esse “novo” gênero para compreendê-lo de maneira crítica e coesa.

A notícia *online* é um gênero que se desenvolveu devido à evolução da tecnologia, embora a sua estrutura apresente grandes semelhanças com a estrutura da notícia impressa. Além disso, uma das características principais desse gênero tecnológico é a forma como ele pode criar um sentimento de pertencimento, identificação e memória, já que, por ser *online*, ele produz e é reproduzido por várias *hashtags*. Paveau (2013, p. 115) nos explica, acerca das *hashtags*,

[...] o trabalho da memória gera situações discursivas semelhantes, que permitem essa extensibilidade semântica das palavras e das fórmulas, aplicáveis a novas situações pelo único fato de que elas foram aplicadas

a situações antigas. Essa forma de repetição, longe de ser estéril, é um modo de categorização da experiência nos discursos que se pode chamar de conhecimento por reconhecimento.

Dessa forma, a notícia *online* é facilmente “reconhecida” ao passo em que produz e reproduz conhecimento. Concernente à sua estrutura, o gênero notícia é composto por uma manchete, título que mostra o acontecido; o *lead*, primeira parte da notícia, que é o resumo do ocorrido, e, por fim, o episódio, que é onde as informações se encontram, é o corpo do texto. Pensando nessa estrutura, notamos que é no episódio que a notícia *online* e impressa se diferenciam (SOUSA, 2020). Essa diferença ocorre, pois, a notícia *online* é constituída por diversas linguagens - semioses, pois, como já mencionado, esse gênero constitui-se como uma obra multimodal. No que diz respeito a notícias de caráter impresso, tradicional, tem-se que há o uso de imagens não apenas como ferramentas ilustrativas da reportagem, mas como elementos semióticos que contribuem de maneira direta e indireta para que o leitor realize o seu posicionamento perante o que está sendo noticiado. Nesse viés, vale ressaltar que a função da notícia de acordo com Sousa (2020, p. 7) é “transmitir, compartilhar, e repassar informações sobre fatos novos que pelos quais se desenvolveram recentemente na sociedade [...]”. Para tanto, o papel da notícia é imprescindível para a sociedade e sua interação com a informação.

LINGUAGEM E ESTEREOTIPAÇÃO RACIAL: O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO COMO INSTRUMENTO DE DESCONSTRUÇÃO DE SIGNOS SOCIAIS NO GÊNERO NOTÍCIA

A linguagem, historicamente permeada por conflitos hegemônicos, é faculdade constituidora do mundo social, sediando a (des)construção do imagético social referente a diferentes grupos da sociedade. Na concepção de Moita Lopes (1994, p. 331), “a linguagem possibilita a construção do mundo social e é condição para que ele exista”. Nesse sentido, no que tange ao supracitado processo de (des)construção imagética, executado por meio da linguagem, é primordial enfatizar que tal processo pode dar margem a subjugação de contingentes historicamente marginalizados. Desse modo, ainda que involuntariamente, a maneira com que se discorre acerca de algo ou alguém reflete os juízos do interlocutor em relação ao que ou a quem se está descrevendo, contribuindo para o estabelecimento de signos, pejorativos ou positivos, que atuam significativamente na manutenção de paradigmas depreciativos.

Defronte a tal conjuntura, objetivando entender e identificar os reflexos da estereotipação social executados na e pela linguagem é imprescindível situar os falares e ideologias que dizem respeito aos indivíduos estereotipados em uma perspectiva histórica. As raízes dessa rotulação são localizadas ao articular o processo de identificação das relações de poder e desigualdades no discurso à contextualização extralinguística que se situa na esfera sócio

histórica. No presente trabalho, problematizaremos a retratação dos amefricanos¹ brasileiros no gênero notícia *online*, tal como as ferramentas linguísticas e semióticas utilizadas para tal fim. Destarte, com o intento de compreender o uso da linguagem e suas multimodalidades na construção e/ou manutenção de estereótipos² pejorativos sobre o mencionado contingente, retratar-se-á o contexto histórico referente à sua vivência na sociedade brasileira.

Durante as expedições coloniais de Portugal, as “descobertas” terras brasileiras experienciaram a execução de um violento projeto mercantilista luso. Com o intuito de acumular capital e manter sua supremacia, os colonos portugueses engendraram um grande massacre ao instituir o uso de mão de obra escrava indígena e africana. A fim de legitimar a escravização desses povos, os invasores europeus apoiaram-se na criação do conceito de raça, que inexistia biologicamente. A escravização desses grupos racializados, caracterizada pela implementação de cruéis violências, físicas e psicológicas, marcou permanente tais contingentes no âmbito social, econômico, político e linguístico. De maneira mais pontual, direcionando o foco à comunidade analisada neste artigo: os descendentes dos africanos escravizados no Brasil, é imprescindível salientar que a implementação de práticas que desumanizavam e demonizavam suas culturas e sua identidade contribuiu para a essencialização do ideal de supremacia branca e a resultante estigmatização dos pretos brasilienses.

Enraizados no Brasil colônia, o empreendimento e a projeção de signos sobre a comunidade negra legitimam o racismo à brasileira que, embora se estabeleça de forma sofisticada, camuflando-se em “teorias da miscigenação, da assimilação e da democracia racial” (GONZALEZ, 1988, p. 72), é perceptível discursivamente. Concernente a Silva (2008), esse discurso projeta no imaginário social da branquitude brasileira a figura dos negros brasileiros a partir de uma herança ideológica escravista, concebendo-os como animais, mercadoria e irracionais. Em virtude às práticas escravatórias, a população em questão foi rotulada, ainda, como mais propícia ao trabalho braçal, à criminalidade e à sexualização. Dávila (2006) estabelece que “as elites brancas equiparavam negritude à falta de saúde, à preguiça e à criminalidade”.

Nesse diapasão, ao posicionar os negros de maneira tendenciosa em notícias, o enunciador, utilizando diferentes recursos linguísticos e semióticos, expõe as cicatrizes de uma sociedade que tem, tradicionalmente, a discriminação racial como eixo central de seu funcionamento. Isto é, essa retratação tendenciosa retroalimenta o racismo: sistema discriminatório fundamentado sobre o constructo social de raça. Sobre esse sistema, Almeida (2018, p. 25) enfatiza:

¹ Categoria cunhada por Lélia Gonzalez em 1988 a fim de nomear os povos negros do continente americano.

² Segundo Bhabha (1998, p. 121), os estereótipos podem ser compreendidos como “aquela forma particular, “fixada”, do sujeito colonial que facilita as relações coloniais e estabelece uma forma discursiva de oposição racial e cultural em termos da qual é exercido o poder colonial”.

podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Sendo assim, o uso da linguagem evoca, para além de signos, os pré-conceitos historicamente construídos que os interlocutores têm acerca de tais signos. Concernente aos simbolismos evocados pela linguagem, cita-se Nascimento (2019, p. 23):

Se formos pensar de maneira hegemônica, a língua insere no pensamento não só o que é a coisa significada, mas produz as situações relacionais que dão significado aos sujeitos e às estruturas de poder. Assim, ela produz sempre dicotomias, não porque nela existem dicotomias naturais, mas como reflexo refratado dos próprios projetos de dominação e poder (como advogou BAKHTIN, 1997). Ao reproduzir dicotomias, a língua possibilita para o bem e para o mal, possibilidades de luta.

Por sua relação com o discurso, a criação de identidades sociais pejorativas, tal como os recursos discursivos e textuais utilizados para a propagação dessas pseudo identidades sociais, pode ser desconstruída pela Linguística Textual, que constitui, sobre essas condições, um campo de luta contra o discurso discriminatório. Moita Lopes (2002, p. 37) afirma que as “[...] identidades sociais são construídas no discurso. Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem da interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados”.

Nesse sentido, reconhecendo a inferência das relações de dominação e poder na criação de estereótipos raciais que são veiculados por meio de diversos gêneros textuais e discursivos, incluindo os gêneros multimodais que fazem uso de recursos semióticos em sua estruturação, destacamos a relevância das práticas de letramento racial crítico no processo de identificação e denúncia de estereótipos racistas disseminados pela linguagem.

O Letramento Racial Crítico implica uma reflexão sobre raça e racismo, como sustentado por Ferreira (2015, p. 138):

O Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais [...]. Como formadora de professoras/es que sou, entender a importância de utilizar o letramento racial crítico na minha prática

pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade.

Para além disso, Ferreira (2014, p. 250) elenca a relevância do Letramento racial crítico como a adoção de uma abordagem crítica nas diversas áreas de estudo que abarque a questão racial, educando os indivíduos por meio de uma perspectiva antirracista:

Vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar. E também na área de línguas, pois a área da linguagem também é responsável por educar cidadãos que sejam críticos e reflexivos sobre como o racismo está estruturado na sociedade. Sobre a eficácia da abordagem crítica como instrumento que revela e problematiza preconceitos e estereótipos, Carbonieri (2016, p. 133) declara: “[O Letramento Crítico] [...] nos ajuda a examinar e combater visões estereotipadas e preconceituosas que por ventura surjam nas interações em sala de aula e fora dela”.

No que tange aos textos que circulam na esfera jornalística e sua influência na construção da vida social, a linguística textual, como já mencionado, ocupa papel significativo para a identificação dos discursos discriminatórios analisados. Como apresenta Moita Lopes (2009, p. 131):

[...] minha análise da matéria jornalística é somente uma leitura possível, baseada em princípios teóricos explícitos. Se é verdade que vivemos em sociedades densamente semiotizadas, compreendo que uma das tarefas daqueles envolvidos com pesquisa no campo da linguagem é colaborar na compreensão dos discursos midiáticos que constroem a vida social.

Logo, com o intuito de articular o Letramento racial crítico às práticas tecnolinguageiras, demonstrando a relevância dos estudos textuais para a localização de discursos que perpetuam signos sociais racistas, tomaremos uma notícia retirada do jornal CNN Brasil como material basilar.

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NAS MÍDIAS DIGITAIS: A MANIFESTAÇÃO DO RACISMO ESTRUTURAL NOS LEADS

Figura 1: Post do CNN Brasil



Fonte: Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/cnn-brasil-define-protestos-contra-o-racismo-como-vandalismo-apaga-o-post-e-e-esculhambada-monalisa-perrone-corrige-no-ar>. Acesso em: 8 fev. 2021.

Figura 2: Notícia divulgada no canal da CNN Brasil



Fonte: Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/cnn-brasil-define-protestos-contra-o-racismo-como-vandalismo-apaga-o-post-e-e-esculhambada-monalisa-perrone-corrige-no-ar>. Acesso em: 8 fev. 2021.

Como já elencamos anteriormente, os grandes avanços tecnológicos e a instauração da globalização no mundo desencadearam a interação/comunicação por meio de novos gêneros discursivos textuais, ou seja, devido às tecnologias de comunicação e informação, há a propagação e a utilização de gêneros textuais considerados “novos”, mas que possuem a sua raiz fundamentados em gêneros “antigos” (MARCUSCHI, 2010). Pensando nesses “novos” gêneros textuais, podemos afirmar que são estruturados de formas diferentes, afinal, eles fazem uso de diferentes linguagens, sendo compostos por diferentes semioses.

Partindo do exposto, evidenciamos o caso do gênero notícia *online*, e, mais especificamente, os *leads*, um gênero novo que se fundamenta na notícia impressa, anteriormente propagada em jornais, revistas, etc. Sem embargo, ao assumir o formato *online*, a notícia não apenas transmite informação com o texto verbal, mas com o texto visual, já que todas as notícias disseminadas em meio digital possuem elementos semióticos que contribuem para que o leitor/telespectador possa compreender a notícia com o intuito de se posicionar. Conclui-se, então, que não é apenas o texto verbal que traz informação, as imagens, *gifs*, figurinhas, vídeos e cores que complementam a linguagem verbal também trazem sentido e significado para o signo que é divulgado.

Pensando nisso, selecionamos a notícia do jornal CNN Brasil, apagada após diversos internautas criticarem a escolha lexical racista e a escolha visual, imagem e vídeo postados. Neste *lead*, a CNN Brasil diz que os movimentos de manifestações que ocorriam no dia da Consciência Negra se caracterizavam como um movimento de vandalismo. Ao observar a imagem, nota-se que se trata do recorte de um vídeo cuja manchete intitulava as pessoas que estavam no protesto de “manifestantes”, ao olhar para o texto completo, no entanto, nota-se que, ao postar a notícia em sua rede social, a CNN Brasil utiliza a palavra “vândalos” para se referir às pessoas que invadiram o mercado.

Para entender a estereotipação do negro na notícia analisada, por meio dos elementos verbais e não verbais, é necessário contextualizá-la. A notícia, publicada em 20 de novembro de 2020, retratava o protesto desencadeado pelo espancamento mortal de João Freitas por dois seguranças no supermercado *Carrefour*. A empresa citada esteve envolvida em diversos casos de assassinatos e maus tratos em relação a indivíduos negros, comprovando o caráter racista de tal rede, que, por meio da necropolítica³ vigente na sociedade brasileira, percebe os corpos negros como alvos/ameaças.

Retomando a discussão fomentada anteriormente neste artigo, afirmamos que, historicamente associada ao estereótipo do negro como escravizado, criminoso e violento, a barbárie com que se trata os corpos negros no Brasil é refletida não só nos diversos casos de racismo que tais corpos enfrentam diariamente, mas também na maneira com que são retratados socialmente e discursivamente. De acordo com Santos (1983, p. 17), “uma das formas de exercer

³ O conceito de Necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe, diz respeito à seleção de que corpos devem viver ou morrer por meio da utilização de poder político e social.

autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”. Assim sendo, a notícia *online* enquanto dispositivo linguageiro contribui grandemente para a desvirtuação da identidade e discursos que poderiam fortalecer a autonomia do negro.

Remetente ao caso analisado, para noticiar os protestos feitos por negros em resposta ao assassinato de João Freitas, o jornal CNN, extremamente infeliz em sua escolha vocabular, intitulou os protestantes, vítimas de um bárbaro sistema de discriminação racial estrutural e revoltados com o assassinato de mais um negro, como vândalos.

É evidente que os múltiplos sentidos e concepções sobre o negro instigados pelo termo “vândalos” situam-se no imagético social dos brasileiros em relação à população negra. Sua retratação como vândalos está relacionada aos signos sociais construídos sobre tal grupo, signos que os retratam como marginais, criminosos, raivosos e violentos. Ao expressar sua revolta diante de um episódio racista, os manifestantes negros tiveram seu movimento de resistência deslegitimado, sendo criminalizados, demonizados e, por conseguinte, situados novamente em estereótipos raciais.

No atual momento, deteremo-nos na análise semiótica da notícia *online* exposta. É importante refletir sobre a paleta de cores escolhida para apresentar a notícia: as cores vermelhas foram utilizadas a fim de causar destaque no texto verbal “morte de homem negro”. O uso da cor vermelha, para além de funcionar como elemento evidenciador da notícia principal e transmitir a ideia de conflito e perigo, desencadeia a ideia de guerra, ou seja, após a morte de homem negro, há a instauração de uma guerra. A cor preta, utilizada para destacar o nome do homem negro assassinado, causa no telespectador uma ideia de condolência e respeito à informação que é passada nesse texto verbal. Desse modo, há um respeito contraditório, característico da sociedade racista brasileira, pela vida do homem negro e, concomitantemente a isso, há a perpetuação de estereótipos racistas por meio da condenação tendenciosa da luta por justiça travada por tais indivíduos.

Outro elemento semiótico da notícia *online* que chama atenção do leitor é a imagem. A foto foi tirada a partir da posição dos policiais, instaurando a ideia de que os protestantes estão se movendo de maneira violenta em direção aos policiais, sendo que, ao assistir aos vídeos em tempo real, pode-se compreender que o propósito do presente manifesto não era ferir ninguém, mas, sim, exigir justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir a emergência das formas tecnolinguageiras e a construção discursiva que ocorre em tais gêneros, conclui-se que as concepções de mundo do enunciador atuam de forma a esboçar seu posicionamento ideológico nesses “novos” gêneros. Para além disso, por

meio desse trabalho, pode-se entender que o uso das semioses na disseminação de notícias via internet é crucial para o desencadeamento de emoções, positivas ou negativas, no leitor.

Salientamos que, ao interpretar criticamente uma notícia, utilizando as práticas de letramento racial crítico, deve-se atentar, ainda, ao “não dito” que se relaciona ao fato relatado. Esse “não dito” diz respeito ao contexto histórico, social, político e cultural que sedia as escolhas linguísticas do enunciador. Ademais, ao realizar tal movimento crítico, pode-se identificar e desconstruir possíveis formas de discriminação e violência presentes no discurso do gênero examinado.

Em suma, como defendido neste estudo, a linguagem utilizada para descrever e noticiar fatos sobre os negros brasileiros pode funcionar como elemento reforçador dos diversos estereótipos raciais arquitetados historicamente pela sociedade brasileira sobre tal grupo. Enfim, com o intuito de identificar e desconstruir o racismo que se perpetua e constrói na e pela linguagem, é necessário trabalhar com o letramento racial crítico, abordagem que possibilita a identificação, discussão e deslegitimação da representação negativa dos negros nos variados gêneros discursivos e textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E. Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1992].
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2oMcgpe>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- CARREON, Renata de Oliveira. O. **Ethos semiotizado: imagens de Dilma Rousseff no Facebook**. In: CARREON, Renata de Oliveira. DA TELEVISÃO AO FACEBOOK: AS CAMPANHAS ELEITORAIS E SUAS MOVÊNCIAS. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 14, n. 1, p. 3-24, jan. 2020. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/7317>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- ROCHA, Max; SILVA, Maria Margarete de Paiva. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade. **A Cor Das Letras (UEFS)**, v. 18, p. 26-44, 2017.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual**: introdução. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e Contra Narrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 14, jul.-out. 2014, p. 236-263.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa, PR: Estúdio Texto, 2015.

FERREIRA, Helena Maria; MELO, Guilherme; RAGI, Taísa Rita. O DESIGN DE TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS: implicações para o processo de produção de sentidos. **Revista Signos**, Lajeado, v. 41, n. 2, p. 190-208, jun. 2020. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2586>. Acesso em: 5 dez. 2021.

FLORENCIO, Ana Maria Gama *et al.* **Análise do Discurso**: Fundamentos e Prática. Maceió: Edufal, 2009.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro. N. 92/93(jan./jun.). 1988, p. 69-82.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO A.P. MACHADO A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística textual**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2012.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da Pesquisa interpretativista em Linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, 10 (2): 329-338, 1994.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: Os subterrâneos da Linguagem e do racismo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2019.

PAVEAU, Marie-Anne. **Genre de discours et technologie**. Pratiques, n. 157-158, jun. 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'Analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Hermann, 2017.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 307-315. 2010 [1969].

SANTAELLA, Lucia. **Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, n. 35, abr. 2008.

SILVA, Priscila Elisabete da. **Professor negro universitário: notas sobre a construção e manipulação da identidade étnico-racial em espaços socialmente valorizados**. 2008. 220 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/99011>. Acesso em: 7 dez. 2021.

SILVEIRA, Sonia Bittencourt. Uma perspectiva internacional em Linguística. In: **IVJEL: Jornada de Estudos da Linguagem**, 2008, Rio de Janeiro. Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações (3). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

SOUSA, Jonnathan Ferreira de. Relato de Experiência: o gênero notícia online como objeto de ensino. VII Colóquio sobre Gêneros e Textos. Belo Horizonte: **Anais do Cogite - Colóquio Sobre Gêneros & Textos**, 2020. 16 p. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/11645/pdf>. Acesso em: 8 fev. 2021.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à Multimodalidade: contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília: Edição por Elizabete Nepomuceno Raiol Lopes, 2015. 170 p.

Recebido para publicação em: 19 abr. 2021.

Aceito para publicação em: 7 dez. 2021.